

# Tendência não é destino

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

Governador do Distrito Federal

A frase do título é do filósofo francês René Dubos, muito lembrada por Cássio Taniguchi, quando fala da experiência dele e de Jaime Lerner em Curitiba. Lá, como aqui, a tendência também era de desorganização urbana, invasões, favelas, ruas intransitáveis, trânsito ruim, transporte degradado e baixa estima coletiva. Foi preciso muito trabalho e muita coragem para reverter essa tendência e mudar o destino da cidade.

No início, muitas decisões difíceis foram tomadas, contrariando interesses, para a implantação de um novo modelo de vida urbana. Só depois de muitos anos as pessoas foram percebendo que o planejamento, a determinação e a criatividade poderiam mudar a qualidade de vida do curitibano.

Jaime, Cássio e agora Beto Richa construíram uma sequência de administrações que fizeram de Curitiba um modelo de cidade no Brasil e referência no mundo. Nós decidimos, em Brasília, seguir o bom exemplo das cidades que organizaram a vida urbana. Retirar das ruas as vans e os camelôs, proibir construções sem alvarás, implodir esqueletos de prédios que contrariavam as normas, retirar as invasões, demitir servidores contratados sem concurso, derrubar casas construídas em áreas públicas, eliminar desperdícios, diminuir a estrutura e os empregos do estado, tudo isso contrariou muitos interesses, gerou grandes incompreensões. Trata-se, agora, de construir um novo modelo, uma nova cultura de vida urbana, que possa ser percebida, em todas as suas vantagens, em todos os segmentos sociais.

Nós entramos nessa fase. Arrumada a casa, e com as contas dentro da Lei de Responsabilidade Fiscal, voltamos a ter crédito na Caixa Econômica Federal, no BNDES, no Bird e no BID, e fomos ainda buscar novas fontes, como a Corporación Andina de Fomento (CAF) e a Agence Française de Développement (AFD). Com as nossas próprias economias e os novos créditos, começamos as grandes obras de infraestrutura: a urbanização das 10 áreas mais degradadas e mais pobres onde habitam mais de 300 mil pessoas, que vão da Estrutural e Itapoã até Arapoanga.

Ao lado dessas obras de grande impacto social, temos os projetos que chamamos de estruturantes: terminamos o metrô de Ceilândia e vamos começar o primeiro trecho da Asa Norte e a expansão do Setor O, além da compra de novos trens; vamos começar o VLT, para a ligação do aeroporto até a W-3 e a área central da cidade, e o VLP, sistema de vias exclusivas de ônibus de Santa Maria e Gama até o Plano; as obras na EPTG, ligando Taguatinga ao Plano Piloto; os 17 novos terminais rodoviários, dos quais três já foram inaugurados; o Noroeste, já em início de obras, e a regularização e urbanização dos condomínios.

A ampliação da Epiá está em fase final; a duplicação das estradas de Brazlândia e da Fercal, em início de obras; os viadutos de Vicente Pires, já concluído, e da QNL e do Piriquito, em execução; a ligação Ceilândia/Sambamba e os novos eixos, na Asa Sul e na Asa Norte, de ligação das quadras 700 e 500 até a L-4, para desafogar o trânsito, no Eixo Monumental; os parques Burle Marx, na Asa Norte, o Taguapark em Taguatinga, o Bezerrão já construído e o Mané Garrincha que será licitado para a Copa do Mundo. Essas obras,

somadas, representam investimentos superiores a R\$ 4 bilhões.

A lista é exaustiva e maçante, mas a população tem o direito de ser informada sobre como está sendo aplicado o dinheiro público. Por fim, há um terceiro importante grupo de investimentos. A cidade cresceu muito, de forma desorganizada, e agora precisa de serviços públicos mais eficientes. São 37 novas escolas, das quais 15 já inauguradas; o hospital de Santa Maria e seis grandes centros de saúde; 300 novos postos policiais, 80 dos quais já construídos; 12 Unidades de Pronto Atendimento (UPAs); 183 quadras de esporte cobertas para as escolas de educação integral; as 10 vilas olímpicas, já em obras, e as outras 10, em fase de licitação, além de praças, quadras de esportes, recapeamento de asfalto, iluminação pública e outras intervenções urbanas num total de 1.600 obras distribuídas em todo o DF.

A crise econômica nos impõe limites, mas ainda assim estou certo de que vamos concluir todos esses projetos. Mais importante que todas as obras e investimentos é a mudança da cultura da cidade ser compreendida, e defendida, pela maioria da população, acima das diferenças políticas, para se cristalizar num destino de cidade organizada, com boa qualidade de vida, em respeito ao seu projeto original e em obediência às leis e as normas.

Mas, como o cachimbo é que entorta a boca, ainda vamos ter muito esforço até que uma nova cultura, de ordem e respeito às leis, ganhe a consciência da cidade. Brasília prepara-se para comemorar 50 anos. Merece esse esforço de todos nós. De todos os cidadãos conscientes. Dos que somos, hoje, responsáveis pelo governo e dos que, de diferentes matizes políticos, virão depois.